

FIGURA

MANUEL MARIA CARRILHO

O ministro filósofo

MARIA LEONOR NUNES

Uma «temporada» em missão de serviço, que a sua vida tem outro governo. E uma «missão precisa»: fazer cumprir o que foi prometido. É assim que o ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, encara o seu mandato, cujas linhas de força se encontram no programa do Governo PS. Medidas concretas, ainda não é «sensato» falar delas. Por enquanto, há que trabalhar, «de manhã à noite», para criar um ministério a partir da Secretaria de Estado «devastada» pela anterior gerência. Isso mesmo adianta ao «JL» o ministro filósofo. Mas quem é este novo inquilino do Palácio da Ajuda?



Pelo seu lado, João Sá Águas salienta algumas virtudes de Carrilho que podem ser, à partida, uma vantagem: «Sabe ouvir» — diz ele. «É uma pessoa que procura ouvir as melhores opiniões nas diversas áreas.»

O envolvimento de Manuel Maria Carrilho na política vem de longe. É militante do PS desde 1986. Porém, discreto. «Nunca pedi nada ao partido» — diz ele. Participou em todas as campanhas eleitorais, nas ruas, como qualquer militante. De um modo «anónimo e modesto». Pertenceu à Comissão Nacional para a eleição de Maria de Lourdes Pintasilgo. Depois, esteve na campanha de Mário Soares. Há quatro anos, empenhou-se — com Pedro Miguel Frade, entre outros — «numa primeira tentativa mal sucedida de renovar o discurso cultural do PS». E, naturalmente, participou, com António Reis e Rui Vieira Nery, na redacção do programa para a cultura saído dos Estados Gerais. «Interessou-me sempre discutir ideias e participar em actividades onde as coisas estivessem em causa e pudessem ser um pouco perspectivas sobre o que fazer» — sublinha Carrilho. Perspectivismo é um termo que lhe é caro. Designa, aliás, o seu pensamento filosófico que valoriza a contingência e a irreversibilidade da mudança. Abreviadamente, claro.

CORTE LICEAL

Não é de desprezar em qualquer percurso um certo «lastro de família». No caso, uma família numerosa um pouco à antiga portuguesa. Manuel Maria Carrilho tem sete irmãos e nasceu em Coimbra. Uma natalidade accidental que apenas importa para efeitos de Bilhete de Identidade, já que legitimamente se considera de Viseu, essa «cidade metida na serra» onde passou uma infância «deliciosa». Continua a visitar esses «lugares de raiz». Os únicos que tem, como afirma, pois «um intelectual é hoje, necessariamente, um desenraizado». O cosmopolitismo a isso obriga.

Em Viseu, Carrilho frequentou o Liceu Alves Martins e, já nessa altura, tinha uma assinalável militância política e cultural. Fernando Cabral Martins recorda-o:

«Andávamos no mesmo liceu. Ele era um ano mais novo, mas lembro-me que havia um grupo de pessoas que o rodeavam» — adianta. «Formavam um espécie de corte e Carrilho era já uma pessoa que suscitava admirações. Alguém que marcava.»

Cabral Martins recorda ainda que, numa certa fase, Manuel Maria Carrilho se assumia quase como um «discípulo» de Eduardo Prado Coelho, sendo um dos primeiros a trilhar a via aberta por esse «mestre» que marcou uma geração. Da admiração fez-se uma amizade que já leva quase um quarto de século. Seria, por exemplo, na casa de Prado Coelho, à sua máquina, que Manuel Maria Carrilho escreveria o seu primeiro artigo para o «Diário de Lisboa».

Nos verdes anos de Carrilho, Viseu agitava-se. «Havia a pressão da guerra colonial, pressentia-se o desfalecimento do fascismo e nós queríamos fazer coisas» — adianta Cabral Martins. O grupo de teatro CETEV e o cineclub eram centros agitadores. Carrilho fazia parte dessa «movência». Não há notícia de que te-

Fora ele de outra confissão e havia de ter o orgulho de realizar agora, ainda que a solo, o pensamento de Platão: ver os filósofos no governo da cidade. Mas não. Manuel Maria Carrilho, 44 anos, universitário e filósofo nunca foi um platónico. A Alegoria da Caverna não lhe diz grande coisa e desaconselha mesmo qualquer laivo de platonismo, nos dias que correm. Ele assume-se, antes, como um pragmático. «A boa compreensão do poder é pragmática, no sentido filosófico do termo» — afirma ao «JL». É que não se trata de lidar com «essências eternas», mas com «compromissos». E isso agrada-lhe.

Por essas e por outras, os mais fundamentalistas dizem dele que não passa de um filósofo de Rolex. Mas Eduardo Prado Coelho considera o seu percurso filosófico «interessante». Até porque nunca se «profissionalizou», mantendo sempre o contacto com outras áreas da cultura. «Essa abertura dá-lhe uma relação muito forte com o mundo contemporâneo» — afirma. Inteligência, capacidade de trabalho, determinação, ninguém lhe regateia. Mesmo os que não morrem de amores por ele, nem pela sua filosofia, embora não queiram pronun-

ar-se de momento. Por cortesia ou por cautela. Uma outra característica é apontada por António Marques, amigo de longa data de Carrilho: «O desprezo soberano pela mediocridade e pela mediania e a procura, sempre metódica, do novo, do diferente e da qualidade.»

É, porém, a autodisciplina aquilo que mais impressiona neste homem que, embrenhado no trabalho, se esquece de comer. E por bizarria, porventura alheia aos enlevos do *body-building*, empreende caminhadas de quilómetros a pé. Muitos consideram, por outro lado, que a arrogância é o seu cartão de visita. Mas a Carrilho tal mimo não molesta. Nem considera que possa ser entendido como um defeito. «Geralmente, acusam de arrogantes as pessoas convictas e determinadas no que fazem.» Assumidamente um homem de convicções inabaláveis. «Nunca desisti de nada na vida» — afirma.

O PÉ FORA DA UNIVERSIDADE

A pasta da Cultura nunca esteve entre as suas ambições. Pelo menos, é o que garante. Sendo, todavia, um «filósofo da contingência», Carrilho está aberto a tudo o que possa acontecer. E o convite de António Guterres veio num momento «muito especial». «Acho que o progra-

ma do novo Governo, em que também trabalhei, é muito bom», avança, ao jeito de explicação. E soma razões de queixa: «A maior parte dos notáveis da cultura portuguesa foi marginalizada e maltratada, de uma forma infame, nos últimos anos. A cultura esteve entregue a um estado de espírito quase delinquente. Por isso, entusiasmei-me muito o modo como Guterres a valorizou.» Foi a pedra de toque que o levou a aceitar o cargo, o que surpreendeu muitos, habituados a ver nele o perfil de um universitário convicto.

Carrilho sempre teve, contudo, um pé fora da universidade. Assim o crê outro universitário: João Sá Águas. «Basta pensar que os seus livros abordam aspectos da vida cultural que ultrapassam a universidade» — justifica. E adianta que Carrilho foi convidado como um académico da cultura e não por inerência de uma planeada vida partidária.

Manuel Maria Carrilho garante, de resto, que a carreira política não lhe interessa. «A minha vida é a universidade» — sustenta. «Estou agora na cultura em serviço.» Muitos vêem nele uma razão de esperança. «Acho que foi uma aposta ótima. Finalmente, podemos esperar alguma coisa» — comenta, por exemplo, Fernando Cabral Martins, professor universitário de Literatura.

nha alguma vez pisado as tábuas, mas trabalhava nos bastidores do grupo de teatro. E investia laboriosamente no cineclubismo. «Uma vida intensa», partilhada com amigos como Alfredo Franco Alexandre, José Leitão, hoje deputado do PS, ou o agora antropólogo José Manuel Sobral.

«Tínhamos inquietações comuns a uma geração marcada por uma certa conjuntura nacional e internacional, pelo Maio de 68 que recebemos entusiasticamente» — salienta o antropólogo. «Tal como pelo desaparecimento de Salazar ou pela crise académica de Coimbra. Lembrou-me que José Leitão foi detido e eu, o Manuel e uma sua namorada fomos vê-lo à prisão. Com tudo isto se moldou a nossa identidade política e cultural.»

Começaram a ler Marx, Foucault, Mao. Foi Carrilho quem primeiro conseguiu o «Livro Vermelho». «No fundo, vivíamos um clima que se respirava noutras cidades do País» — diz ainda Sobral.

Nem as contingências da vida fizeram esmorecer o interesse de Carrilho pelas diferentes linguagens artísticas. Do teatro que viu nos últimos tempos, destaca «Clamor» — não apenas por preto de amizade ao encenador, Ricardo Pais, com quem colaborou em algumas produções — e «O Triunfo do Inverno», encenado por Luís Miguel Cintra para a Cornucópia. Quanto ao cinema, achou «muito interessante» «O Convento», de Manoel de Oliveira, um cinema cuja obra tem seguido desde a descoberta de «O Passado e o Presente».

UM RAPAZ BRILHANTE

Tem, portanto, «raízes intelectuais» a consciência política de Carrilho. Ele via, ouvia e lia. Não podia ignorar. «A censura era insuportável. A vida do liceu era uma coisa que nem quero lembrar» — confessa.

Empenhado nas contestatárias associações estudantis, Carrilho dinamizou mesmo um jornal de oposição. Chamava-se «Geração de 60» e teve o destino de todos os jornais oposicionistas da altura. Foi proibido e encerrado. Osório Mateus, que então dava aulas em Viseu, colaborou nessas páginas revoltadas. E do *tenager* Manuel Maria recorda: «Era um rapaz brilhante.» Uma das pessoas que mais o marcou, nesse período, foi Augusto Saraiwa, a quem Carrilho prestou homenagem no recente número da «Colóquio Educação e Sociedade» por ele organizado. «Era um professor absolutamente fascinante. Oscar Lopes, José Maranhão, Mário Sacramento iam frequentemente a Viseu falar com ele» — comenta. Outra referência importante foi José Manuel Pereira de Melo, professor de Literatura. Tê-lo-á estimulado para o prazer de ler. E Manuel Maria Carrilho aprendeu a lição. «Fiz-me à minha custa, lendo, lendo e lendo» — acentua.

Homem de muitas leituras, é íntimo dos clássicos, de Proust ou de Musil. Acabou de ler o último Rui Nunes, «Que Sinos Dobram por Aqueles que Morrem como o Gado», e está a visitar os «Treze contos do Desassossego», de Luísa Costa Gomes.

A militância política de Carrilho implicava alguma «delicadeza» no foro familiar. O pai, Engrácio Carrilho, era um homem do regime. Foi provedor da Misericórdia e governador civil de Viseu. Em 1972, aderiu à onda liberal de Sá Carneiro, trabalhou com João Salgueiro e seria o primeiro presidente da Comissão de Planeamento da Região Centro. Após o 25 de Abril fez o seu período de «luto». Mas nos anos 80 acabaria por ser eleito para a presidência da Câmara Municipal, onde desenvolveu um trabalho muito bonito, sobretudo a nível cultural — conforme reconhece Carrilho. Porventura, Engrácio Carrilho não aplaudiria



MANUEL MARIA CARRILHO. «FIZ-ME À MINHA CUSTA, LENDO, LENDO E LENDO»

as inclinações políticas do jovem Manuel Maria. Não levantava, contudo, problemas. «O meu pai era completamente liberal com os filhos, com a cidade. Nunca deixou prender ninguém» — afirma Carrilho.

Divergências à parte, Engrácio Carrilho achava, de resto, que Manuel Maria devia seguir uma carreira política. Foi, portanto com pena que viu o filho escolher Filosofia em vez de Direito. «Ninguém ia para Filosofia, no liceu» — recorda. «Reflecti muito, porque era um campo com poucas possibilidades de trabalho. Mas era Filosofia que eu gostava de ler.» Lia então os autores dos anos 60, Levi-Strauss, Althusser, Barthes. E acompanhava, semana a semana, as folhetinescas «querelas» entre Vergílio Ferreira e Eduardo Prado Coelho.

GURU DA MODERNIDADE

Saiu de Viseu com 18 anos para ingressar no curso de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa. Licenciou-se, mas gosta de dizer que, na verdade, fez o seu curso no exterior. Tão enfadonho lhe parecia o programa curricular, marcado por uma espécie de «obsessão necrófila pela história da Filosofia». Apaixonavam-no então pensadores como Derrida, Foucault ou Deleuze que não pertenciam ao «saber académico organizado», como salienta José Manuel Sobral que o acompanhou também nesses tempos de faculdade, apesar de ter optado por História.

«Tudo aquilo era pouco entusiasmante» — acentua o antropólogo. «A nossa universidade foi um pouco a vida que corria paralelamente às cadeiras curriculares.»

Quando chegou a Lisboa, Carrilho não conhecia ninguém. Mas logo se envolveu nos movimentos académicos e, aos poucos, constituiu uma rede de amigos. Entre eles, Cristina Duarte, José Afonso Furtado — que vai ser o seu chefe de gabinete — e Joana Varela, com quem viria a casar. Quando, anos mais tarde, se divorciou, Carrilho tomou o filho a seu cargo e levou a *paternage* muito a sério. Até hoje. O grupo da faculdade reunia-se no Borges, ao Campo Grande, ou em casa de Manuel Maria Carrilho, porto de abrigo para muitas discussões em torno dos autores franceses que, na época, os marcavam. E foi justamente em sua casa

que se «entricheiraram», a contas com uns frangos de ocasião e muita ansiedade, no dia 25 de Abril de 1974. Um dia longo que viveram até ao júbilo da madrugada.

António Marques, professor universitário, também teve o privilégio de conviver com o grupo de Carrilho.

«Foi já quase no fim do curso que apresentei a um obscuro professor um trabalho sobre Bataille. O que disse não interessou particularmente ao homem e a reacção não foi das melhores» — conta. «Mas não foi coisa que me afectasse minimamente. O que me preocupou, isso sim, foi a presença enigmática, entre a assistência, de um colega que mal conhecia pessoalmente. Era uma espécie de guru das novíssimas filosofias que se produziam em Paris e de que nenhum professor, nesses dias, tinha o mínimo conhecimento.»

O guru era Manuel Maria Carrilho. E António Marques interrogou-se sobre a impressão que nele teria causado. A resposta não tardou. Passados alguns dias, Carrilho convidou-o para uma festa em sua casa. «Tive então a certeza de entrar definitivamente no Olimpo da modernidade filosófica!» — comenta.

Ficaram amigos. Acabariam por fazer uma carreira universitária quase paralela, «com alguns projectos comuns, desilusões e esperanças partilhadas». E, em alguns casos, «também iguais inimigos».

A Carrilho parecem não faltar, de facto, bons inimigos, o que não é de estranhar num «meio tão sensível como o universitário», segundo João Sá Águas. «A universidade é um meio muito conservador» — adianta. Ele prefere falar, mais amavelmente de «adversários intelectuais». «A conduta do Manuel é de uma grande linearidade. Mas as suas posições filosóficas têm muitos opositores.»

João Sá Águas também nem sempre concorda com elas. Mas não há divergências capazes de arriar uma amizade «constante e tranquila». E Carrilho sabe cuidar dos seus amigos.

SERIEDADE INTELCTUAL

Seria na Universidade Nova de Lisboa, onde é professor catedrático de Filosofia Contemporânea, que Manuel Maria Carrilho acabaria por fazer a sua carreira académica: mestrado, agregação, cátedra... tudo.

O seu pensamento filosófico constrói-se numa trajetória que, «conforme a análise de Prado Coelho, «vem de Deleuze, sua primeira paixão, e aproxima-se, progressivamente, dos americanos, tornando-se Rorty uma das suas referências fundamentais». Ou seja, faz «a passagem de uma visão esquerdizante para outra de uma esquerda mais moderada e tolerante. Sempre ligado às ideias da Filosofia como afirmação».

No domínio da argumentação, da retórica e da linguagem, Manuel Maria Carrilho encontra um campo privilegiado de reflexão. E interessa-lhe o contributo da Filosofia no âmbito do Direito, da Ética, da Política ou da Ciência.

«A relação entre a Ciência e a Filosofia está a ser repensada. No campo do filosófico, o trabalho de Carrilho fez emergir, desde sempre, este tipo de questionamento» — avança o psiquiatra Filipe Arriaga da Costa.

Velho amigo dos tempos da faculdade, ele tem participado em muitas iniciativas organizadas por Carrilho. «Acho que o Manuel tem uma enorme seriedade em termos do trabalho intelectual que não se pode confundir com um eclectismo simpático.»

Também João Caração tem trabalhado com Carrilho, nessa complexidade entre Filosofia e Ciência. Publicaram juntos «Os Arquipélagos do Saber» e «Partilha e Conhecimentos». Preparam, actualmente, um livro que focaliza as relações entre os poderes e os saberes. Nesse

sentido, esta experiência governativa de Manuel Maria Carrilho pode tornar-se numa contributo empírico certamente inestimável.

«Além de uma enorme bagagem cultural, ele tem uma enorme capacidade de analisar os problemas. E perceber, nos tempos modernos, o que tem a ver com a mediatização» — afirma Caração. «Esse é um trunfo considerável para o exercício do poder. Esperemos que ele protagonize uma inflexão no domínio da cultura.»

RENOVAÇÃO E CASTIGO

Foi para renovar o ensino da Filosofia no secundário que Carrilho coordenou, em 1991, o projecto de reforma Fraústo da Silva. Mas as suas ideias não suscitaram grande simpatia e o projecto foi recusado por Roberto Carneiro.

«A Filosofia aparece com uma posição algo patética, nos liceus» — declarava Manuel Maria Carrilho ao «JL», em entrevista publicada em Novembro do ano passado. E acrescentava: «Ensinava-se apenas a história da Filosofia e estudar Aristóteles surge quase como um privilégio que exigiria uma propina especial...»

Sarcasmo à parte — e o sentido de humor é uma das suas virtudes, como reconhece Caração —, Carrilho pretendia deixar claro que o seu projecto de reforma tinha sido feito contra uma certa «ideia sacerdotal» da Filosofia. E pela abertura dos *curricula* académicos aos autores contemporâneos. Isto iria pôr em causa a própria universidade que, «vive em circuito fechado», como afirmava na mesma entrevista. Este espírito crítico incomoda muitos universitários. Os mais feroces opositores de Carrilho acusam-no mesmo de não fazer filosofia, mas antes de procurar protagonismo mediático, ao escrever em jornais e revistas. «De certo modo, fui punido por fazer coisas que não fossem apenas dar aulas» — dizia ainda ao «JL». De facto, Carrilho nunca se contentou com a docência enclausurada entre muros universitários. Promoveu conferências e seminários. Dirige, desde 1991, a colecção Argumentos, da ASA, a par dos Clássicos, da Imprensa Nacional. E que sempre se bateu pela difusão das ideias na comunidade científica e cultural.

LOURS E RETÓRICA

Em 1979, Manuel Maria Carrilho organizou e prefaciou «História e Prática das Ciências» e «Dissidência e Nova Filosofia». São os primeiros títulos de uma bibliografia de respeito. Entre os livros que publicou, podem destacar-se: «O Elogio da Modernidade» (1989), «Verdade, Suspeita e Argumentação» (1990), «Dicionário do Pensamento Contemporâneo» (1991), «Rhetoriques de la Modernité». Este último editado pela Presses Universitaires de France, em 1992, e posteriormente publicado na versão portuguesa com o nome «Jogos de Racionalidade», pela ASA. Colaborou ainda em «La Philosophie Anglo-Saxonne», editado também pelas PUF. Este ano irá publicar «Aventuras da Interpretação», na Presença.

«Julgo que ele é um dos únicos pensadores que conseguiu vencer a aparente impossibilidade dos portugueses publicarem directamente em francês ou inglês» — comenta Cabral Martins. Esses louros confirmam o reconhecimento da comunidade filosófica internacional. Catedrático da Université Libre de Bruxelles, Carrilho tem desenvolvido um intenso trabalho no Centro Europeu para os Estudos da Argumentação, na sequência do qual dirige um programa interuniversitário denominado «Argumentação: um Novo Paradigma». Com esse trabalho, que envolve investigadores de diferentes países, propõe-se uma reflexão sobre a retórica e a relevância da argumentação em vários domínios. Retórica pelo menos não há-de faltar ao ministro da Cultura. E esperam-se bons argumentos.